

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**ADRIANA DUARTE DE SOUSA**

**A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA:  
Desafios e perspectivas**

**Cajazeiras – PB**

**2009**

**ADRIANA DUARTE DE SOUSA**

**A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA:**

**Desafios e perspectivas**

**Monografia de conclusão curso apresentado ao curso de Pedagogia, do Centro de Formação de Professores – CFP, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em pedagogia.**

**Orientadora: Prof<sup>o</sup> Ms. Maria Janete de Lima**

**Cajazeiras – PB**

**2009**



S7251 Sousa, Adriana Duarte de.  
A literatura infantil na escola: desafios e perspectivas  
/ Adriana Duarte de Sousa. - Cajazeiras, 2009.  
45f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade  
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de  
Professores, 2009.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Literatura infantil. 2. Leitura literária. 3.  
Formação de leitor. 4. Literatura infantil- histórico. I.  
Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina  
Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 82-93

**ADRIANA DUARTE DE SOUSA**

**A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA:  
Desafios e perspectivas.**

**MONOGRAFIA APROVADA EM**

---

**Professora Ms. Maria Janete de Lima**

**Cajazeiras - PB**

**2009**

**A meus pais, Maria e Braz, que serviram de base em toda minha formação. Pela confiança e esperança e acima de tudo pelo amor que me deu forças para continuar. (Dedico).**

## AGRADECIMENTOS

À Deus por me dar força e coragem para concluir este trabalho; pela constante presença que me fez vencer, concretizando mais um sonho. Deixo aqui registrado toda minha gratidão.

A meus pais, Braz e Maria, que com muita dedicação e amor, me deram a educação, sem a qual não teria chegado a lugar algum;

À meus irmãos, Alda e Alberto que torceram por mim todo esse tempo, certo de que venceria. Pois é, olha eu aqui... Valeu!

A todos os professores do curso de Pedagogia que colaboraram para a concretização desta etapa tão importante na minha vida; considerados verdadeiros mestres em minha formação acadêmica;

Aos alunos, á professora e toda a equipe que compõe a escola Adauto Ferreira de Andrade escola onde estagiei;

Aos diretores do campus de Cajazeiras e aos funcionários que sempre me atenderam bem, atenuando assim a saudade de casa;

Às minhas amigas de residência, foram momentos inefáveis, de crescimento e amadurecimento como pessoa.

Aqueles que indiretamente fizeram parte do processo da minha formação.

***Inacabado sei que sou um ser condicionado, mas,  
consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além  
dele. (Paulo Freire)***

## Leitura

De repente naveguei  
Como o pirata da perna de pau  
Num instante me encontrei  
Defendendo jacaré no pantanal

Em seguida eu vivi  
Uma historia de amor ao luar  
Cada dia uma aventura  
A leitura faz a gente viajar

É bom voar nas asas da imaginação  
É alimentar o corpo, a mente e o coração (Bis)

Lendo a gente pode ser  
Tudo aquilo que a gente sonhar  
Se conhece o mundo inteiro  
Sem ao menos sair do lugar

Conhecemos as pessoas  
E o que existe entre o céu e o mar  
E numa lição de vida  
Aprender pra depois ensinar

Interprete: Xuxa

## **RESUMO:**

O estudo da temática: A literatura infantil na escola: desafios e perspectivas tiveram como objetivos analisar as contribuições da literatura infantil no processo de ensino e aprendizagem e pesquisar como a escola e os professores estão utilizando os livros infantis distribuídos pelo MEC, e as contribuições desses para a formação do hábito da leitura. O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de estudo de caso, tendo como instrumento de coleta de dados as observações e o questionário, que permitiram uma maior compreensão acerca das possibilidades e desafios encontrados pelos professores e alunos na utilização da literatura infantil em sala de aula. Nossa pretensão neste trabalho é despertar a reflexão sobre a importância de trabalhar a literatura infantil, como um recurso didático estimulador no processo de ensinar e aprender. O nosso interesse é contribuir com o conhecimento sobre o tema, proporcionando assim um trabalho de incentivo à leitura literária nos anos iniciais. Acreditamos que um trabalho desenvolvido nesta perspectiva pode vir a contribuir no processo de ensino e aprendizagem, logo, ele oportunizará a construção do conhecimento de forma autônoma e até prazerosa na medida em que este recurso fizer parte da prática docente. Diante disto demonstramos a importância de buscar melhorias para a prática docente e um ensino que valorize e incentive o hábito da leitura estimulando as capacidades intelectuais dos alunos.

Palavras - chave: Literatura infantil, prática docente, ensino.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
<b>CAPÍTULO I</b>	
1 A leitura literária para criança nos anos iniciais.....	12
1.1 Um breve histórico da literatura infantil.....	14
1.2 A importância da literatura infantil na formação do leitor.....	19
1.3 A literatura e os estágios psicológico da criança.....	22
<b>CAPÍTULO II</b>	
2 Formação e estágio.....	26
2.1 Procedimentos metodológicos.....	26
2.2 Análises de dados.....	27
2.3 Vivências e práticas docentes.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
BIBLIOGRAFIA.....	38
ANEXOS.....	42

## 1. INTRODUÇÃO

A escolha do tema Literatura infantil: desafios e perspectivas se justificam mediante a sua relevância nos processos de ensinar e aprender. Este tema visa enfatizar a importância que a literatura infantil proporciona para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. A proposta de caráter integrador concilia-se com o discurso propagado a cerca da utilização da literatura infantil em sala de aula, na medida em que essa oportuniza os alunos e professores a trabalharem na produção do conhecimento, possibilitando a prática de uma pedagogia transformadora, esquivando de um ensino conteudista e tradicional.

Atualmente, muito se tem falado sobre a utilização deste recurso em sala de aula, incentivado até por programa do Governo Federal como "A Literatura em minha casa" que virou modismo em muitas escolas. Podemos constatar em conversas e relatos que apesar do incentivo, os professores não possuem embasamento teórico que os orientem em suas práticas. Por esses fatores observados, percebemos que a literatura infantil não está sendo explorado como se deve. Neste sentido, a causa do fracasso em muitos casos está na utilização didático-pedagógico por professores sem capacitação.

A literatura infantil em sala de aula é considerada uma proposta interessante, mas se for trabalhada corretamente, sendo que não é só jogar o livro sem o mínimo de planejamento. Conforme os defensores desta proposta Yunes e Pondé (1988), Debus (2006) Abramovich (1998), dentre outros, afirmam que, à medida que há uma capacitação o trabalho começa a mostrar seus frutos nos discentes, tornando-se capazes de produzir seus próprios conhecimentos, o que vai de encontro com as exigências de formar cidadão críticos, ativos e autônomos.

Diante das questões levantadas, traçamos alguns objetivos que serviram de diretrizes norteadoras para a pesquisa: Analisar as contribuições da literatura infantil no processo de ensino e aprendizagem, bem como, pesquisar como a escola e os professores estão utilizando os livros distribuídos pelo Mec, analisar também a contribuição desses livros na formação do hábito da leitura; investigar alguns elementos que interfere na aquisição do gosto pela leitura, observar a utilização dos

diversos suportes textuais tendo por base a literatura infantil e investigar as dificuldades do professor em desenvolver atividades ligadas ao incentivo da leitura.

Os procedimentos metodológico utilizados foram desenvolvida através de uma pesquisa de estudo de caso, que segundo Gil Apud Matos [...] “é uma prática simples que oferece possibilidade de redução de custos, apresentado como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados ( 2002, p.46 ).

A pesquisa foi realizada na escola pública, Adauto Ferreira de Andrade, em Santa Cruz PB, com 14 alunos do 1º ano e 5 professores ensino fundamental. Foi utilizada como coletas de dados a observação e os questionários tanto para professores quanto para alunos

Os questionamentos foram aplicadas aos alunos e professores, seguindo as orientações de Matos (2002 p.61). As questões foram objetivas e claras, aberta, podendo respondente expressa livremente suas opiniões e fechadas quando as opções das respostas são dadas. No nosso caso as questões dos alunos se efetivaram, por meios de perguntas objetivas de múltiplas escolhas, para uma maior compreensão das crianças, para os professores as questões serão subjetivas que dará aos mesmos a possibilidade de expressar-se livremente.

Através deste estudo investigamos como acontece na prática à utilização da literatura infantil na sala de aula e se esta realmente acontece, ou seja, a utilização da literatura infantil se efetiva na sala de aula ou é apenas um discurso nas escolas, ou apenas uma exigência atual das secretarias de educação? Desse modo, sentimos a necessidade de compreender de forma mais esclarecida como se efetiva o trabalho na prática no cotidiano da escola.

A escola, sendo um espaço propício ao incentivo da leitura em reconhecer-se como estimuladora do processo de leitura e proporcionar o máximo em experiências não apenas com base no código lingüístico escrito, mas também no ouvir, comentar, criticar, sugerir, ler diferentes linguagens.

Trabalhando a literatura em sala de aula de forma adequada, possivelmente contribuirá para o crescimento cognitivo da criança, ao despertar o interesse pela leitura, estimular a inteligência e memória, exercitar a pratica de leitura, aprimorando o vocabulário e pensamentos reflexivos. A criança quando lê ou ouve uma história é

capaz de comentar, indagar, duvidar, refletir e discutir sobre ela, e assim desenvolvendo uma série de competência.

Nessa perspectiva, o aluno pode e deve ser estimulado a participar de diversas atividades relacionadas com o tema, que além de atender a necessidade infantil de fantasiar, enriquecerá o seu vocabulário de maneira muito agradável pelo contato com a linguagem culta dos livros, uma linguagem mais elaborada e polida. O trabalho com a literatura infantil também pode otimizar situações de comunicação oral trabalhando assim a questão da oralidade, favorecendo o desenvolvimento cognitivo e sócio cultural das crianças.

Partindo desse pressuposto, quando as várias formas de conhecimento são estimuladas, todas as linguagens são sugeridas a exemplo de linguagem simbólica como músicas, pinturas, dramatização, reconto de história teatro de fantoche, e etc.

Neste contexto, é de extrema importância que o professor tenha conhecimento, mesmo que reduzido de psicologia da aprendizagem. Isso vai lhe dar segurança e o ajudará em adequar melhor a história ao ouvinte.

No contexto acima exposto, discutiremos detalhadamente no capítulo I, sobre A leitura literária para criança nos anos iniciais, seguido de um breve histórico da literatura infantil cujo o propósito foi de expor as transformações e modificações ocorridas no contexto social que influenciaram a novas visões sobre a criança e os livros. Abordamos ainda a importância da literatura infantil na formação do leitor, onde discutimos sua contribuição e a sua natureza: arte literária ou pedagógica?

Ainda com relação ao assunto explicaremos a relação literatura e os estágios psicológicos das crianças, bem como a necessidade do professor conhecer cada fase do desenvolvimento psicológico da criança, e por fim, reforçaremos a relevância do papel da escola na propagação do hábito da leitura, porque a escola é o lugar privilegiado entre o leitor e o livro.

Já no capítulo II, intitulado de Formação e estágio, abordamos os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho. Enfim apresentamos a análise de dados que colhemos de questionários para alunos e professores. E por último, as vivências

e experiências da prática docente, onde analisaremos a prática docente por ocasião do estágio e relataremos todo percurso de atividades e trabalho realizados.

## CAPITULO I

### 1. A leitura literária para criança nos anos iniciais.

A literatura infantil tem um papel fundamental no desenvolvimento lingüístico e intelectual da criança, proporcionando um desenvolvimento lingüístico, social e cognitivo indiscutível. Segundo Abramovich (1998) quando a criança ouve histórias, passam a visualizar de forma mais clara, sentimentos do cotidiano que geralmente é vivenciado pelos personagens nas diversas modalidades de textos literário destinados a crianças. Ao trabalhar esses sentimentos existenciais e vivenciais da criança como medo, superação, curiosidade, tristezas ou alegrias através da história lida ou contada, há também a possibilidade de aprendizado em infinitos assuntos.

É através duma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempo, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo, História, Filosofia, Política, sociologia, Antropologia etc. Sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH 1998, P.17).

Neste sentido, quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros, maior será a probabilidade dela se tornar um adulto leitor. Nesta perspectiva o autor Richard Bamberger (1995 p.73) em seu livro "como incentivar o hábito de leitura" ele discute e é favorável a uma atmosfera de promoção a leitura nos anos iniciais, "promover a prontidão para a leitura, ajudando as crianças a se acostumarem a ouvir e a observar os livros de gravuras, ampliando o vocabulário e despertando o interesse por livros.

O escritor Monteiro Lobato, precursor da literatura infantil no Brasil, cita por varias vezes em seus textos teóricos, cartas, prefácio e entrevistas sobre a importância do contato da literatura infantil com a criança desde a tenra idade e da contribuição para a formação do hábito da leitura que o acompanhará até a idade adulta.

[...] o descaso e o desamor de muitos adultos pela leitura, especialmente a literária, tem origem exatamente nesse momento da formação, porque, possivelmente, não lhe foi concedido na infância o encontro com livros que

despertassem a imaginação e os cativassem para a experiência leitora (DEBUS, 2006 p.26)

Nesse sentido, a presença da literatura infantil na escola, mais especificamente nas series iniciais, é um dos fatores que influênciam na formação da criança num sentido mais amplo porque trabalha diversas competências e habilidades que privilegia o processo de ensino e aprendizagem.

Para tanto, a escola fica responsável de começar inserir no ambiente escolar práticas sociais de leitura – ir à biblioteca, ler em voz alta, contar histórias etc. A inserção da literatura infantil nos anos iniciais, encontram alguns desafios principalmente com relação a metodologia empregada e como atrair as crianças à leitura. Já que para muitos a criança pequena é considerada “analfabeta” por “ainda não ter se apropriado das letras e não ter descoberto a decodificação da escrita, e por consequência da leitura” (DEBUS, 2006).

Nessa perspectiva, mesmo que a criança não leia o contato com a literatura infantil pode ser inserido através da contagem de histórias e nesse contexto o papel do professor é fundamental, de mediador dessa aprendizagem. Assim o professor deve reservar espaços em que proponham atividades inovadoras, procurando conhecer o gosto do aluno atentando para os níveis psicológicos da criança. O uso da literatura infantil, infelizmente ainda é uma prática pouco refletida, e quase sempre se resume na imposição da leitura, acompanhado de textos repetitivos, seguida de cópias obrigatórias, sem significação alguma para o aprendiz.

A esse respeito Yunes E Pondé (1988, p.60) descreve que:

Lembramos que o hábito da leitura se forma “antes” mesmo do saber ler- é ouvindo história que se “treina” a relação com o mundo; daí que contar, recontar, inventar, sem que se proíba falar, leva inclusive ao gosto de encenar, [...] leitura não é castigo, não exige resposta pronta, nem se mede com prova.

Portanto é imprescindível o uso pedagógico da literatura infantil em sala de aula de modo que seja utilizado de forma coerente, para que possa contribuir para a efetivação do processo de ensinar e aprender.

## 1.1 Um breve histórico da Literatura Infantil

Os estudos já desenvolvidos sobre a literatura infantil contam que os primeiros livros destinados ao público infantil surgiram na Europa, entre o final do século XVII e durante o século XVIII. Autores como La Fontaine, Fénelon, Charles Perrault, foram os primeiros a escrever para as crianças, cuja obra enfocava principalmente os contos de fadas e as fábulas. A principal obra desse gênero literário destinado as crianças foi os célebres *Contos da mamãe Gansa*, publicada por Charles Perrault em 1697.

De lá pra cá, a literatura infantil vem se destacando mediante a sua relevância na formação e desenvolvimento cognitivo das crianças. Depois do impulso inicial dado por Perrault, a literatura infantil começa-se a ser reconhecido e desponta com prestígio comercial, renome e lugar na história literária. Muitos escritores se viram encantado por este novo gênero literário e apostaram nesta promissora área da literatura, destes Hans Christian Andersen e os irmãos Grim se tornaram mundialmente reconhecidos por seus famosos contos de fadas.

O berço da literatura infantil, foi marcado por várias modificações proveniente da ascensão do capitalismo e de sua expressão política. Afirmada a nova estrutura do poder da burguesia, a literatura infantil, passa ser vista a princípio apenas como mercadoria. Isto porque a sociedade crescia por meio da industrialização e a o livro para criança parecia um bom negócio. Com o passar do tempo a sociedade cresce e moderniza por meio da industrialização, expandindo assim, a produção de livros.

A burguesia institui um novo conceito de família. É o surgimento da família moderna e a formação de um novo público consumidor que determinou uma padronização da cultura. A criança torna-se o centro do interesse educativo dos adultos. Juntamente com essa nova visão de infância surge também a institucionalização do ensino, com a concepção voltada para a criança, ou

seja, começa-se a observar que a criança necessitava de um tratamento especializado.

A partir daí os laços entre literatura e a escola passam a se estreitar. Houve neste momento uma preocupação com o público leitor, pois para adquirir livros era preciso que as crianças dominassem a língua escrita e cabia a escola desenvolver esta capacidade. De acordo com Lajolo & Zilbermann, "a escola passa a habilitar as crianças para o consumo das obras impressas, servindo como intermediárias entre a criança e sociedade de consumo." (1988, p. 18)

Neste sentido, as obras de literatura infantil dependem da passagem da criança na escola, e isso a coloca numa posição secundária em relação à educação. Assim depois aprender a ler, a escola tratava de promover e estimular um elo entre o livro e a criança leitora, intermediando – as a sociedade de consumo.

No entanto, o gênesis da literatura infantil não se restringe apenas ao surgimento do mercado capitalista, de novos públicos consumidores e as transformações do sistema educacional, mas teve por base a nova visão de infância, é preciso lembrar que até o século XVII, a infância era negada. As crianças não possuíam nada específico ou adequado para essa fase. Não possuíam um vestuário próprio, nem lugar próprio pra brincarem ou se educarem, e muito menos uma literatura infantil, isto é, uma literatura para o entretenimento das crianças. A defesa da infância foi encabeçado por padre, juristas, moralista e intelectuais da época. Estes passam a defender a criança e lutar por seus direitos por acreditarem que "as crianças são seres qualitativamente diferente dos adultos." (GHIRALDELLI, 2006, p.17).

Este reconhecimento só foi possível mais tarde, com o auxílio das ciências como a psicologia – a psicanálise – e enquanto educação – a pedagogia. Com o auxílio das referidas ciências, é que se tornou claro o sentido que deveria tomar um texto que viesse atingir a infância: tendo por meta despertar a curiosidade para "aspecto do real, deveria estimular o prazer pela leitura

através de uma aventura cativante. No entendimento de Filipouski & Zilberman (1982), é por meio desta literatura que a insere nos padrões e expectativas eleitas pela sociedade.

Assim, a obra infantil é essencialmente formadora: de suas primeiras impressões sobre o universo de conceitos intelectuais e comportamentais: além disto, estimula a sua fantasia e o pensamento crítico sobre o mundo (FILIPOUSKI, 1982,p 13)

A literatura infantil na sua gênese esteve comprometida a pedagogia por todos esses aspectos didático-pedagógico de caráter formador, que baseava-se numa linha moralista, paternalista, centrada na representação de poder. Era, portanto, uma literatura para estimular a obediência segundo a influência dominante.

Por causa dessa vertente didático-pedagógico que a literatura infantil viu-se banida de todos os tratados literários, e por esse motivo, por muito tempo houve discussões sobre sua designação.

Assim, até as duas primeiras décadas do século XX, as obras didáticas produzida para crianças apresentavam um caráter ético-didático, ou seja, o livro tinha a finalidade de educar. A obra dificilmente tinha o objetivo de tornar a leitura como fonte de prazer, retratando a essência da obra. Havia poucas historias que falavam de forma lúdica, ou que faziam pequenas viagem em torno do cotidiano, ou a afirmação da amizade centrada no companheirismo, no amigo da vizinhança da escola, da vida.

Essa visão didático – pedagógico centrada no interesse do sistema , passa a ser substituída por volta dos anos 70 e a literatura infantil passa por uma revalorização seguindo outra vertente, principalmente pelas obras de Monteiro Lobato, no que se refere ao Brasil. Ela então se distribui por todos os caminhos da atividade humana, valorizando a aventura ,o cotidiano, a família, a escola, o esporte,as brincadeiras, as minorias raciais,penetrando até no campo da política e sua implicações.

No Brasil a idéia de livro para crianças, só veio surgir muito tempo depois de seu surgimento na Europa, A história da literatura infantil brasileira começou tardiamente em relação aos países europeus, porque o país vivia outro contexto social e cultural, mas este foi o momento propício para se pensarem livros infantis.

Este período que compreendia o fim do século XIX e o XX, o Brasil passava por uma acelerada urbanização e uma crescente modernização. Assim com a massa urbanas, surgiu também consumidores de produtos industrializados e uma maior procura por produtos culturais.

Estes fenômenos conduziram as poucas editoras existentes no Brasil, criarem diversas publicações as quais se destinavam aos diversos públicos, a exemplo das sofisticadas revistas femininas, os romances, material escolar, e os livros para crianças. O que prova esta maturidade na sociedade brasileira para a absorção de produtos culturais foi a criação em 1905, da revista infantil : *O TICO-TICO*.

Até por volta da segunda metade do século XIX, era privilegio apenas das elites a leitura de livros tanto de origem estrangeiras, quanto as nacionais, mas o progresso de modernização no Brasil, contribuíram para a consolidação da literatura brasileira , principalmente pelo fato do fortalecimento das editoras, tipografias, bibliotecas, livrarias tornando o livro um objeto mais acessível ao menos nos grandes centros.

È neste contexto cultural, que começam a pensar na possibilidade de escrever para crianças. Os primeiros esforços em prol da literatura infantil no Brasil foram encabeçados por escritores, educadores, intelectuais, jornalistas, este viam a importância dos livros para crianças como também a necessidade de escolarização destas crianças.

Então assim se intensifica campanhas pela instrução, pela alfabetização, e pela a escola, e isto prestigiava os esforços de dotar o Brasil de uma literatura infantil nacional. Foi neste período que duas correntes teórica se manifestaram: O entusiasmo pela educação e o otimismo pela educação. A primeira lutava pela abertura de escolas, a segunda primava pela qualidade

do ensino. Esta preocupação tinha justa causa, pois no Brasil mais " de 75% da população em idade de escolarização era analfabeta"(GHIRALDELLI, p 33) .

Neste clima de valorização da instrução e da escola, simultaneamente desponta a preocupação pela incidência de livros estrangeiros, que não traziam tanta significação para os pequenos leitores brasileiros, por pertencer a culturas diversas não despertava nenhuma cumplicidade em relação com o seu próprio país\_ o Brasil.

Diante deste e de outros fatores já citados, alguns intelectuais da época começam a produzir livros infantis e estes já tinham destino certo: as escolas.

O livro de literatura infantil brasileira foi também muito influenciado por livros de origem européia, principalmente no que diz respeito á vertente didático-pedagógica, ou seja, havia um fundo ideológico nos primeiros livros infantis brasileiros. Era a imagem da criança estereotipada, de comportamento exemplar, virtuosa, sempre em situação modelares de aprendizagem: lendo livros, ouvindo histórias, tendo conversas educativas com pais ou professores e assim por diante.

Mas este paradigma foi bruscamente desfeita a partir das publicações de Monteiro Lobato. As obras de Monteiro Lobato de fato surgiram como um divisor de água, para marcar a literatura infantil e os esforços em prol da literatura infantil só alcançou prestígio no cenário cultural brasileiro, após as obras de Lobato.

O criador do *Sítio do pica-pau Amarelo*, rompeu com os padrões prefixados do gênero e estabeleceu uma ligação entre a literatura infantil e as questões sociais. Nessa sentido, Lobato reconhece as vantagens do uso educativo da literatura infantil e procura através de suas historias, exercitar a imaginação e desenvolver a inteligência criativa das crianças.

Em 1921, Monteiro Lobato publica seu primeira livro infantil, *Narizinho arrebitado*, nome bem sugestivo para a intencionalidade do autor. Fugindo do moralismo que costumava acompanhar a literatura infantil, sua obra incentiva a investigação e o debate sobre questões e valores pré- estabelecido.

Os textos escritos por Lobato, afirma Ligia Cademartori (2006, p.51) " [...] Estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta [...] uma realidade nacional em seu aspecto social, político, econômico, cultural." Nesta perspectiva, podemos observar que havia em seus textos uma consciência social, e uma visão para o estímulo da consciência crítica, dos leitores, pois em seus textos sempre deixa espaços para a interlocução com o destinatário e a discordância era prevista, contribuindo com a formação do leitor.

Neste sentido, na década de 80 houve o *boom* na literatura infantil no Brasil, devido a atenção e o cuidado e o reconhecimento da educação básica, e uma grande ação pedagógica, junto à criança, privilegiando o livro como elemento imprescindível ao crescimento intelectual. Assim surgem programas culturais de promoção da leitura tanto no setor privado quanto iniciativas do Estado

## **1.2 A importância da literatura infantil na formação do leitor.**

Escritores e educadores reconhecem a importância e as contribuições da literatura infantil para o desenvolvimento da criança e para a formação do leitor. Mas estes ainda divergem para chegar a uma conclusão: Afinal a literatura infantil é uma arte literária ou pedagógica?

Desde sua origem com as obras de Charles Perrault a literatura infantil esteve vinculada à preocupação didática. Ao mesmo tempo era marcada pela presença de uma moralidade emitida através de uma literatura pedagógica, e desta forma, passou a ser vista como um importante instrumento para propagação de uma cultura moralista. A vocação pedagógica de Perrault é clara, e era posto a serviço desta missão, a de preparar a criança as regras pré- estabelecida pela sociedade na época.

Por muito tempo a literatura infantil foi utilizada neste sentido, criando assim uma tensão entre o saber da arte literária e o ideal pedagógico. Tal tensão foi o grande desafio da obra destinada ao público infantil, e ocasionou a literatura

infantil o afastamento dos tratados literários, minimizando-a principalmente pela falta de consenso sobre a natureza dessas obras.

Na concepção de Cadematori (2006, p.24):

Foi a preocupação pedagógica que, por muito tempo, silenciou no texto questões relativas á sexualidade, ao racismo, á segregação das mulheres, e outras mazelas da sociedade e de seus jogos de poderes, [...]. Tradicionalmente, a literatura infantil apresentou por determinação pedagógica, um discurso monológico que, pelo caráter persuasivo, não abria brechas para interrogações, para o choque de verdades, para o desafio da diversidade, tudo se homogeneizando numa só voz, no caso do narrador.

Assim, pode-se observar que a literatura infantil seguia uma vertente teórica baseada em valores tradicionais, cuja intenção era apenas educar as crianças segundo os preceitos da época, revelando assim o caráter pedagógico-doutrinador.

É partindo dessa visão que escritores e letrados idealizaram uma renovação da literatura infantil, para quebrar a predominância do didático-doutrinador dessas obras. No Brasil esta renovação, tão solicitada por Lobato na década de 20, aconteceu por volta dos anos 70. A partir dessa renovação a literatura infantil passou a atingir um novo objetivo: atrair o pequeno leitor / ouvinte e levá-lo a participar das diferentes experiências que a leitura infantil pode proporcionar.

Neste sentido, é possível entender a concepção de literatura infantil para os que defendem – a como arte, fruto da cultura criadora e questionadora. Nesta perspectiva, a literatura para crianças precisa criar uma reorganização das visões de mundo, possibilitando uma nova ordenação das experiências existências das crianças. E a convivência com textos literários induz a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico.

Partindo dessa visão, é importante compreender a relevância da literatura infantil, que segundo afirma Coelho (2000. p17) “é um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial, social.”

A literatura se reveste de grande importância porque é a expressão do ser humano e da vida, e porque retrata épocas, costumes e idéias. Deste modo a leitura da literatura desde a infância estimulará o desenvolvimento cognitivo da criança estimulando-as a se envolver em diferentes situações, possivelmente despertando a um entendimento sobre as diversidades culturais.

A reforma literária ocorrida por volta dos anos 70, contribuiu para a valorização da literatura infantil como um gênero importante para a formação do leitor. Então se ramifica a literatura infantil por todos os caminhos da atividade humanas, valorizando a aventura, o cotidiano, a família, a escola, as brincadeiras, o esporte, penetrando até no campo social, cultural e político.

Hoje a dimensão da literatura infantil é muito mais ampla e importante, pois proporciona à criança o desenvolvimento emocional, social, e cognitivo indiscutível. Nesse sentido, quanto mais cedo a criança tiver contato com os livros e desenvolver o hábito de ler, maior será a possibilidade dela se tornar um adulto leitor. Dessa forma através da leitura a criança adquire uma postura crítico-reflexiva, muito relevante para a sua formação cognitiva.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto. Ler, não é somente codificação de símbolo, mas envolve uma série de estratégias que permite o indivíduo compreender o que lê. Partindo desse pressuposto, relata os PCN's (2001,p.54):

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente aquele que podem atender uma necessidade sua.que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordar-los de forma a atender a essa necessidade.

Assim, pode-se observar que a capacidade de ler e aprender está ligada ao contexto pessoal do indivíduo, e não pode ser imposta autoritariamente, ou no sentido doutrinador-pedagógico. A imposição dos escritos para crianças,

contribui para dar uma visão distorcida, e para distanciar cada vez as crianças do ato de ler.

Por este motivo há uma preocupação da parte dos educadores, com relação a forma metodológica empregada nas salas de aulas, pois trabalhar a literatura com crianças em sala exige do professor capacitação e conhecimento dos estágios psicológicos da criança.

Durante o seu desenvolvimento, a criança passa por vários estágios psicológicos que precisam ser observados e respeitados no momento da escolha de livros para ela. Essas etapas não dependem somente da sua idade, mas de acordo com o seu nível de amadurecimento psíquico, afetivo, intelectual e de seu nível de conhecimento e domínio do mecanismo da leitura.

### **1.3 A literatura e os estágios psicológicos das crianças**

A adequação dos livros às diversas etapas que a criança normalmente passa é tão importante quanto efetivo, no processo de aquisição do ato de ler. Muitos fatores contribuem para que o hábito de ler se constituem em um prazer para o pequeno leitor. Alguns princípios orientadores, baseado na psicologia experimental, dividiram em cinco categorias as fases do desenvolvimento psicológico da criança: o pré-leitor, o leitor iniciante, leitor em processo, o leitor fluente, e o leitor crítico.

Em cada fase do desenvolvimento psicológico da criança, buscou-se caracterizar as peculiaridades do amadurecimento físico e psicológico do provável leitor. É importante considerar que apenas a idade não é suficiente para categorizar o estágio psicológico da criança, mas principalmente da inter-relação entre a idade cronológica e o amadurecimento psíquico-afetivo-intelectual e o nível de conhecimento/domínio do mecanismo da leitura, dependendo do meio em que ela vive.

O pré-leitor: Nesta fase a criança (dos 15/17 meses aos 3 anos), já começa a reconhecer o mundo ao seu redor, através do contato afetivo e do tato. Também é o momento em que a criança começa a conquistar a própria linguagem e a nomear as realidades a sua volta. A partir desta percepção é interessante estimular este impulso natural, com gravuras de animais, brinquedos, chocalhos musicais ou objeto familiares. Neste momento a atuação do adulto é essencial, para propiciar situações simples de leitura.

A partir dos 2/3 anos (fase denominada de segunda infância). É a fase marcada pelo o egocentrismo. A criança nesta fase aumenta a capacidade de expressão verbal e a utiliza-a em suas atividades lúdicas, pois com essa idade cresce o interesse por atividades lúdicas. O adulto por sua vez, pode e deve orientar as brincadeiras e já introduzindo o livro e atividades relacionadas.

Na visão de Abramovich (1998,p.) " os livro devem conter um contexto familiar, com predominância total de imagem, um dose de humor e mistério e técnicas de repetição." O que impera neta categoria é a nomeação das coisas, que leva a criança a um convívio inteligente e efetivo com a realidade que o cerca. Este conceito é confirmada em Coelho (2000,p.189) esse "convívio com a imagem, associada à palavra nomeadora, facilitará a operação mental que identifica a percepção visual e a palavra correspondente"

Assim a criança desde muito cedo estabelecerá a relação entre a realidade e o mundo dos livros.

O leitor iniciante ( a partir dos 6/7 anos ). Essa é a fase da aprendizagem da leitura e começa apropriar- se da decodificação dos símbolos gráficos da linguagem. A presença do adulto é fundamental para encaminhar a criança a se encontrar o mundo contido nos livros, e também para estimular- La a decodificação dos símbolos gráficos, que lhe abrirão as portas para o mundo da escrita e da escrita.

O livro nesta fase tem que ter uma linguagem simples, que sigam uma sequência lógica de principio, meio e fim. As imagens ainda devem

predominar intercaladas com pequenos textos escritos. Os personagens podem ser seres animados ou inanimados, especificando sempre os traços de comportamento e caráter (bom e mal, feio e bonito, fraco forte, etc.). Histórias com humor, comodidade, graça sempre agrada o pequeno leitor nesta fase. O texto deve ser estruturado com palavras de sílabas simples, organizada em frases curtas e sempre com repetições, para facilitar a compreensão. Os argumentos devem estimular a imaginação, a inteligência, a afetividade, o pensar, o querer e o sentir.

O leitor em processo (a partir dos 8/9 anos) já domina com facilidade o mecanismo da leitura. No auge da curiosidade, interessa-se pelo conhecimento e pelos questionamentos de toda natureza. O adulto torna-se uma fonte de incentivo à leitura, mediando e auxiliando nas possíveis dificuldades. Os livros adequados a esta fase devem apresentar um tema definido, a ser resolvido, que levará o pequeno leitor a questionamentos, produzindo um maior conhecimento aos diversos assuntos.

O leitor fluente (de 10/11 anos) tem como característica principal o desenvolvimento da capacidade de concentração, ele é capaz de compreender abstratamente o mundo expresso nos livros. Segundo Coelho (2000, p.37) é a partir dessa fase que a criança desenvolve o "pensamento hipotético dedutivo" que é a capacidade de abstração. Histórias que apresentam valores políticos e éticos, heróis que lutam por seus ideais sempre despertam interesse nas crianças desta faixa etária. As imagens ainda estão presentes, mas, não de forma predominante, ainda são elementos de atração.

O leitor crítico (a partir dos 12/13 anos) desenvolve competências de domínio da leitura e da escrita e sua capacidade de reflexão aumenta, permitindo a intertextualização. Gradativamente o pensamento reflexivo e a consciência em relação ao mundo são ativados, através de uma maior interação com os livros. O convívio do leitor com texto literário, segundo Coelho (2000, p.40) "deve extrapolar a mera fruição de prazer ou emoção e deve provocá-lo para penetrar no mecanismo da leitura". Nesta fase é necessário que ele se aproprie da literatura, que é considerada como arte e inicie os conhecimentos a

respeito dos conceitos básicos da literatura, que não pode ser ignorado pelo leitor crítico.

## CAPÍTULO II

### 2. FORMAÇÃO E ESTÁGIO

#### 2.1 Procedimentos metodológicos

O presente estudo tem por título: A literatura infantil na escola: desafios e perspectivas; será desenvolvida através de uma pesquisa de estudo de caso, que segundo Gil Apud Matos [...] “é uma prática simples que oferece possibilidade de redução de custos, apresentado como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados ( 2002, p.46 ).

Neste sentido, nossa intenção é estudar questões relacionadas ao tema, objetivando conhecer de forma mais ampla como se dá esta relação no cotidiano de alunos e professores no âmbito do sistema educacional. Para realização deste estudo,

Utilizamos esse procedimento ao selecionarmos apenas um objeto de pesquisa, obtendo grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e conseqüentemente aprofundamento seus aspectos (ROESE apud MATOS, 2002 p.45,46)

Desta forma, a pesquisa se realizar- se- á em uma escola pública, com alunos e professores do primeiro ano do ensino fundamental, buscando obter informações necessárias para o desenvolvimento deste trabalho por ocasião do estágio. Para tanto faremos coletas de dados através de observação que na concepção de Matos (2002 p.58) [...] “ é uma técnica muito utilizada [...] e para ser considerada eficaz para a pesquisa científica, temos que observar, compreender o que é essencial e fazer registro.”

Esse instrumento de coleta de dados como podemos perceber, é bastante simples e muito utilizado por proporcionar um maior contato do pesquisador com o ambiente pesquisado.

Além da observação também teremos como instrumento de pesquisa, o questionário que é uma técnica de pesquisa também muito simples e que não exige a presença

do pesquisador. Essa técnica consiste na resposta por escrito do investigado, por meio de formulário com questões.

Essas questões serão aplicadas aos alunos e professores, seguindo as orientações de Matos (2002 p.61) " As questões devem ser objetivas e claras. Podem ser abertas, quando o respondente expressa livremente suas opiniões; fechadas quando as opções das respostas são dadas, e mistas, apresentando uma fusão dos dois tipos mencionados". No nosso caso as questões dos alunos se efetivaram, por meios de perguntas objetivas de múltiplas escolhas, para uma maior compreensão das crianças, para os professores as questões serão subjetivas que dará aos mesmos a possibilidade de expressar-se livremente.

A escolha desses dois instrumentos de coletas de dados se deram pelo o fato de que ambas se completam no sentido de o que não é percebido na observação pode ser vista nas respostas dos questionários.

## **2.2 ANÁLISES DOS DADOS: PROFESSORES E ALUNOS**

A pesquisa foi realizada com cinco professores que lecionam na zona urbana e rural da rede pública Municipal da cidade de Santa Cruz-PB.

Os professores que fizeram parte da pesquisa têm entre 20 a 23 anos de experiência na educação cuja formação deste se configuram em curso superior pela UVA- Universidade do Vale do Acaraú.

Com a aplicação dos questionários foi possível perceber que todos os professores estão ciente da importância da leitura e veem na literatura infantil e outros suporte textuais uma estratégia essencial para estimular o hábito da leitura nas crianças principalmente nas series iniciais, onde o processo educativo se inicia de fato, e a criança passa a ser inserida num ambiente de alfabetização, e não só isso, mas também abrange todo um contexto educativo com afirma Debus (2006,p.17) "envolvendo todos os processos de constituição da criança em suas dimensões intelectuais, sociais, emocionais, expressivas, culturais, internacionais."

Nesse sentido a literatura infantil torna-se um ótimo complemento para o processo educativo constituídos como uma arte de grande aceitação entre as crianças, como confirma 100% das professoras respondentes dos questionários.

Apesar da conscientização em relação a importância da literatura infantil em sala de aula e do incentivo do Governo Federal nos programas de estímulo a leitura um professora "C" da zona rural diz que ainda falta empenho da parte da escola em realizar estes projetos. Segundo ela a escola tem um projeto de incentivo a leitura, mas apenas ela executa em sala de aula.

Para a professora "C" os programas do Governo Federal criado pelo MEC tinham tudo pra dar certo, mas, na sua concepção não estão rendendo bons resultado porque não há um maior interesse par parte da escola. A professora "A" diz que o programa de incentivo a leitura, a exemplo: A literatura em minha casa "é ótimo embora em alguns lugares ainda não se concretizem"

Apesar das dessas afirmações as demais professoras afirmam que ajuda do Governo de incentivo a leitura tem sido de fundamental importância e que tem rendidos bons resultado, na concepção da professora "A" "os alunos vão aos poucos adquirindo o habito da leitura" pelo constante contato com os livros, além de contribuir para a dinamicidade das aulas, com a utilização da literatura infantil em sala colabora para uma maior participação dos alunos e um envolvimento professor e aluno, que vem corroborar com o pensamento de Debus, quando diz que o "professor não é apenas um figurante com interpreta alguns ,mas, também faz parte do processo sendo ambos protagonistas" (2006,p.22).

O professor é um mediador entre o livro, a história e a aluno. A professora "A" afirma que após trabalhara literatura infantil em sala houve mudanças significativas, pois "as aulas passaram a serem menos monótonas, os alunos perderam mais a timidez e melhorou a relação afetiva entre professor e aluno.

Com base em Abramovich(1998,p.143)

Ao ler uma historia a criança também a desenvolver todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietado, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião...

Quando perguntamos se as professoras costumavam utilizar obras de literatura infantil, de modo geral a respostas foram positivas e a forma mais comum de se trabalhar a literatura infantil com as crianças, é pela dramatização das historinhas, leitura individuais e em grupo, e discussão do texto. Pois as crianças gostam desse tipo de atividade, que lhe são apresentadas de forma lúdica e prazerosa, onde há um envolvimento psicológico, sócio-comunicativo, e afetivo pela interação entre o professor e os outros alunos participante.

Mas apesar desta interação e de boa participação dos alunos nestas atividades com a literatura infantil em sala, as professoras “A” e “B”,relataram que nem todos os alunos gostam dessas atividades. A professora “B” diz que a sua maior dificuldade de trabalhar a literatura infantil em sala são os alunos “são os alunos desinteressados que atrapalham os que querem”, a professora “A” diz que algumas crianças “resistem e ficam indiferentes com as atividades”.

Neste caso acreditamos que esses alunos precisam de um acompanhamento melhor para que se detecte as causas do desinteresses, as vezes esta s crianças pode até ter um problema de leitura e não consegue acompanhar a turma ficando apática e mostrando renúncia. Para isso o professor deve fazer um diagnostico e planejar uma boa aula, propondo atividades adequadas para levar cada um a se desenvolver ainda mais e chegar ao final do ano lendo e escrevendo.

De acordo com a nossa pesquisa o gênero literário mais admirado pelos alunos na concepção das professoras, foram às lendas, seguido do conto e fabulas. E todas as professoras afirmaram que houve mudanças com relação a leitura após o trabalho com a literatura infantil em sala de aula.A professora “B” observou que “os alunos começaram a pedir livros emprestados,e começaram a comprar livros”. A professora “C” percebeu que os “alunos passaram a ter mais interesse e gosto pela leitura, tornando-se um leitor.” E a professora “D” analisou que aumentou a procura por livro, e “melhorou a maneira de escutar e dialogar”.

Neste sentido, a professora “D” concorda com Abramovich (1998,p.23) em que a função da narração é entre outras de ensinar a criança a escutar, a pensar e que mais tarde terá maior significância para o leitor.

Acreditamos que de modo geral, as professoras respondente do questionário de pesquisas já desenvolve algum tipo de trabalho com a utilização da literatura infantil em sala de aula que já tem contribuído para a aprendizagem dos alunos, mesmo que sem a devida assiduidade e acompanhamento e isto é claramente confirmado pela professora “B” quando diz que todo trabalho com literatura infantil é feito por conta própria sem nenhum acompanhamento.

Contudo, o trabalho com literatura infantil na escola traz boas expectativa, pois a professora já tem consciência da função social dos livros em relação ao incentivo a leitura e os efeitos produzidos no desenvolvimento cognitivo dos alunos.

O questionário foi aplicado em uma turma de 14 alunos do 1º ano do ensino fundamental do turno da manhã, da escola municipal Aduauto Ferreira de Andrade. Os alunos tinham entre

seis e sete anos de idade, todos os iniciantes na vida escolar, ou seja, ainda estão em processo de alfabetização como ressaltou a professora.

Para a coleta de dados, os questionários apresentavam nove questões de múltipla escolha que evidenciam questões relacionadas ao conhecimento dos alunos sobre literatura infantil. Com relação ao tema ficou claro que os alunos já tem algum contato com livros de historinhas infantis, principalmente porque a professora já trabalhou com livros de literatura infantil, mas segundo os alunos com pouca frequência, apesar de todos os alunos afirmarem que gostam quando a professora utiliza os livrinhos de historinhas.

O questionário nos remete a uma realidade onde que se percebe é que as crianças não gostam de ler e o fazem por obrigação. A primeira pergunta foi : Você já leu algum livro? 6 crianças responderam que não, 5 responderam que sim, e 3 não respondeu, mas acreditamos que isto se dar pela falta do incentivo no ato de ler por prazer. Quando perguntamos: O que gosta de fazer nas horas vagas? 10 responderam que não lêem e preferem brincar e assistir Tv e apenas 3 disseram que brincam e a leem de livros de literatura.

A segunda pergunta: que tipo de historinha você gosta de ler? Implicou em um novo tipo de historia que fogem das convencionais como exemplo os clássico como Branca de Neve, Cinderela, Chapeuzinho Vermelho etc. As crianças citaram que gostavam do Máscara, da moranguinho, Emilia, Hottwillss. Através dessa perguntas outros questionamentos será que essas estórias foram lidas ou vistas pela Tv?

A imagem do livro ainda esta muito associada a escola, ou seja, ainda remete a um a lembrança unicamente da escolar. Algumas atitudes de pais e professores fortalecem essa imagem, às vezes como forma de castigo.

Quando perguntamos se os pais lêem historinha em casa pra você? 6 crianças responderam que seus pais não leem para eles , ou seja, não há um incentivo por parte dos pais. Este fator é um agravante, pois no entendimento de Machado (2001.p14) diz que no caso das crianças dois fatores são determinantes para o interesse pela leitura é a curiosidade e o exemplo. Exemplo que deveria começar em casa com os pais. Assim como os professores devem estimular o habito da leitura pelo próprios entusiasmos e exemplo.

### 2.3 VIVÊNCIAS E PRÁTICAS DOCENTES

E através da presente análise temos como principal objetivo expor algumas considerações sobre o estágio, ocorrido na Escola municipal Adauto Ferreira de Andrade, na cidade de Santa Cruz-PB, que se realizou entre os meses de setembro e outubro de 2009. Contamos com o apoio da direção e o auxílio da professora titular da sala de 1º Ano do ensino fundamental, de turno diurno, e com 14 alunos. As aulas tiveram por base o trabalho monográfico que tem por título: A literatura infantil na escola: desafios e perspectivas. O estágio seguiu o percurso do planejamento elaborado previamente, que teve pleno apoio da professora titular da sala.

A atividade docente requer do professor competências e habilidades para mediar teoria e a prática em sala de aula. Neste sentido podemos perceber a importância dessa mediação teoria/prática na profissão docente, pois, foi nas vivências da prática docente, por ocasião do estágio que se eleva a necessidade imbricá-los de forma a melhorar e viabilizar o processo de ensino e aprendizagem.

É no momento do estágio que muitos questionamentos são levantados, e onde a teoria e a prática de fato se encontram e nesta perspectiva concordamos com Campos (2007, p.81), "Refletir sobre o estágio [...] significa rever novas práticas no exercício da experiência docente [...] no tocante as concepções, perspectivas, contribuições e dilemas do estágio [...]". Além disso, surgiu também o medo e a insegurança de fracassar e não atender a heterogeneidade da sala de aula.

E de fato sentimos essa dificuldade no estágio, a turma de 14 crianças, havia 4 crianças que apresentavam déficit de aprendizagem e não conseguiam acompanhar as atividades planejadas. E em todas as aulas aconteciam um atraso no conteúdo e um pequeno tumulto, pois as crianças que haviam terminados começavam a brincar e fazer barulho, e assim desconcentrava as outras crianças, que desistiam de fazer a tarefa e na insistência começava a chorar dificultando ainda mais o processo.

Mas no percurso dos vinte dias do estágio conseguimos atenuar a situação da indisciplina. Fizemos com que os alunos que ia terminado ajudassem o coleguinha. Formamos pequenos monitores, que com prazer ensinavam como aprenderam a lição. Ao contrário do que imaginávamos, as crianças aprendem cada um em seu tempo, mas consideramos de modo geral que foi rápido, e como era fase de alfabetização era necessário apresentar as sílabas e palavras, buscando sempre aliar alfabetização e letramento.

Para incentivar o hábito da leitura desde os primeiros anos de escolaridades, todos os dias tinha a hora da leitura, sempre após o recreio, líamos uma historinha, ora um poema, ora uma crônica, sem fazer nenhuma ligação com o conteúdo era ler por prazer e sem compromisso. Depois sempre perguntávamos o que haviam entendido, se haviam gostado, o que mudariam na história e assim por diante, começávamos em grupo interpretar o texto, numa roda de conversa era muito satisfatório pois víamos que eles gostavam, tanto que sempre pediam pra antecipar a hora da leitura.

A hora da leitura nos surpreendeu, pois era a hora que as crianças mais se comportavam, todos ficavam atentos a história e ao seu desfecho, até mesmos aqueles mais trabalhosos paravam para ouvir a história.

Neste trabalho de incentivo a leitura, trabalhamos a apreciação crítica para desenvolver assim um potencial crítico, instigando a pensar, duvidar, se perguntar, questionar e isto contribui para que a criança possa perceber opinar criticamente. Nesse sentido, concordamos com Abramovich (1998, p.148), quando diz que a criança deve "perceber que não há necessidade de haver unanimidade de opinião... Mais importante é aprender a respeitar o ponto de vista dos outros.

No primeiro dia de estagio, levamos um alfabeto móvel, para saber a que nível estava a turma e detectamos que mais precisamente 2 crianças, não sabiam ler e não reconhecia as letras. Uma das crianças tinha uma ótima caligrafia, mas não reconhecia as letras, esta mesma criança por ocasião dos questionários respondeu que nunca leu livro de história e explicou "não sei ler as letras, mas leio os desenhos." Já a outra criança mal consegue nem copiar as palavras do quadro para o caderno. Com base no que estudamos acreditamos que esta criança esteja num estágio Pré-Silábica ficando bem aquém das demais crianças da turma.

Fizemos o possível para poder ajudar essas crianças, mas não obtivemos êxito, por diversos motivos. Acreditamos que estas crianças precisariam de um apoio, mais especializado e individualizado para que pudessem acompanhar a turma.

Seguimos os planos de aula, mas com o passar do tempo víamos a necessidade de adaptá-lo ao cotidiano e ao interesse dos alunos, por exemplo tivemos que substituir o plano referente ao calendário, pois apesar de ter no livro didático, considerarmos um pouco abstrato, haja vista, a dificuldade de entender as horas.

Através dos poemas de Vinicius de Moraes, O relógio, A arca de Noé, O pato, O gato, O girassol, A casa, etc. Podemos comprovar que as crianças gostaram muito, principalmente por que quando acompanhávamos com a melodia, algumas já conhecidas como a casa e O

pato. Esse contato das crianças com poemas e cantigas segundo Debus (2006, p.53) se dá desde os primeiros dias de vidas “emanada nas cantigas de acalanto, verdadeiros poemas de afago, que estão presentes no imaginário infantil.” E sem perceber é introduzido na criança esse encantamento da literatura, que observamos no estágio.

Trabalhamos varias questões como: noções tempo relacionados a hora,o reino animal,a diferença entre animais aquático e terrestre, as plantas, as diferentes moradia.Em todas as atividades, obtivemos resultados. As crianças participaram fazendo as atividades propostas.

A turma da qual estagiamos de modo geral, era uma turma muito boa com crianças que ainda tinham o imaginário infantil preservado, ele adoravam ler e participar da historia de alguma forma, seja lendo, dialogando sobre a história, ou mesmo encenado com os personagens da historia.

Nas aulas que partiam sempre de uma historia de literatura infantil, víamos até mesmo os mais encabulados se envolverem na discussão, cujo, o ideal seria trabalhar com os “nós” de cada história, percebemos que esses já tinham incorporados os rótulos de “burro” e “ele não sabe de nada” que os coleguinhas apelidaram, causado assim um transtorno aparente nas ações desses alunos. Durante o estágio procuramos também quebrar este mito explicando sobre as diferenças e a diversidades de pessoas em todo o mundo, através de historias que rendiam boas conversas. Neste momento sentimos a necessidade de fugir um pouco dos planos que havíamos feitos, para adequar a necessidade do momento.

Trabalhamos também com os contos mais conhecidos a exemplo do Chapeuzinho Vermelho, o que me surpreendeu foi que apesar de conhecer o conto as crianças ficaram muito atenciosas com o que viria a acontecer. Neste mesmo dia confeccionamos um livrinho de historias a partir dos desenhos. E após por na sequência certa, reescrever com as próprias palavras. Outra atividade que foi muito proveitosa foi a de interpretar a imagem do comercial do GEENPEACE, que tinha o chapeuzinho num bosque totalmente devastado pelo desmatamento e a partir daí focar uma questão muito vigente que é a da preservação da natureza.

Na aula seguinte, introduzimos na aula de ciências a questão do corpo humano e os sentidos através da famosa frase do chapeuzinho “pra que serve esses olhos... etc. Com a historia do chapeuzinho vermelho trabalhamos a interdisciplinaridade: Português, matemática e ciências.

Ao acompanhar as aulas, foi possível perceber que a professora planejava e por isso, concordamos de trabalhar em conjunto. Assim ela não se atrasava em seu plano e nós não

sairíamos prejudicados. A professora sempre se preocupava em dizer que ela trabalhava de forma tradicional, como se tentasse justificar a sua prática em sala de aula.

Nós porém sempre procurava inovar e sai do quadro negro e do giz, para atividades mais concretas, assim utilizávamos os diversos suportes textuais como revistas, jornais, livros, gibis, carta, bulas, embalagem, etc. em uma aula específica reunimos todos esses suportes textuais e mostramos a importância social da escrita e da leitura na sociedade, e a partir de então foi possível discutir e refletir com eles, e o que achamos interessante é a forma com que as crianças se apropriam dos temas propostos, como por exemplo uma criança disse " se não aprender a ler não sabe nem pegar um ônibus e fazer bolo". Esta colocação nos leva a crê que esta criança entendeu a função social da leitura e escrita.

Houve dias em que a professora titular assumiu a frente da sala ensinando os conteúdos, assim, ficamos como assistente auxiliando pessoalmente os alunos, principalmente nas aulas de matemática.

Havíamos planejado um ida à biblioteca municipal, que na visão de muitos autores deve ser estimulada como cultura escolar, mas não tivemos apoio para irmos, por diversos fatores como o medo de sair com as crianças, que nesta idade são muito impulsivas e gostam de desobedecer, e pelo fator de não saber mais aonde fica a biblioteca do município, mas isto não foi fator predominante.

nas aulas do estágio desenvolvemos muitas atividades com poemas cantados, na qual confrontamos a letra da música com a criança, onde propomos que encontre palavras ou leia os trechos. A criança aprende acompanhando com o dedo enquanto recita os versos, o aluno busca meios de "descobrir" as palavras tentando entender o falado e o escrito.

Na aula em que foi ensinada a família do "Ch", podemos perceber que houve uma aparente confusão com relação ao som do "X" e do "Ch", daí explicamos que existem palavras com sons parecidas, mas com escritas diferentes, o que não adiantou alguns deles continuaram dizer: Ch do xale da vovó, é assim que ele aprenderam as famílias. C de casa, B de bola etc. Infelizmente o tempo é muito pouco para tentar mudar algo e principalmente aquilo que eles têm apreendido desde o primeiro dia de aula.

Enfim, o estágio foi muito bom para nosso crescimento profissional, além de nos induzir a uma profunda análise sobre o que é educação e sobre a nossa prática docente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAIBA

As condições de utilização e de produção da leitura literária precisa energeticamente ser mais pesquisado e estudado. Pois pelo que constatamos todos reconhecem a importâncias e os benefícios no processo de ensino e aprendizagem das crianças iniciantes. Ler é uma aventura, é prazer é ludicidade, é desafio de descobrir o significado daquilo que está sugerido e torna-se recompensa para todos se entregam ao fantástico mundo da leitura.

A literatura infantil na escola: desafio e perspectiva, foi um estudo que tinha a intenção transpor as barreiras, ultrapassar os limites do cotidiano, pois se trata de uma proposta pedagógica que além de trazer um novo desafio para o professor traz também a oportunidade de o aluno torna-se sujeito emancipado e produtor de seu conhecimento, na medida em que ele interrelaciona seus conhecimentos com o meio .

Nesse sentido, o aluno descobre seus conhecimentos a partir desse processo educativo, promovido pela comunicação com a arte. Arte que parte da perspectiva da infância de uma pesquisa estruturada de imagem e linguagem para atender as crianças. De imediato, isso origina um distanciamento da inclinação pedagógica, que infelizmente insiste nas praticas de muitos professores. Professores que levam livro de literatura infantil para procurar palavras, recortar, mesmo de forma ideológica para ditar regras, moralismo e castigo como era utilizado os primeiros livros para criança no século XVII, e etc.

A literatura infantil desenvolve um relevante papel na formação do leitor e estes possuem estágios psicológicos que devem ser respeitado para que a leitura possa fruir, como já foi citado no este pode no decorrer desta pesquisa.

A inclinação pedagógica, a falta de preparo por parte dos professores são uns dos desafios, seguido da democratização da leitura. A democratização da leitura nada mais é do que oferecer condições para a pratica de leitura, não adianta distribuir livros em grande escala. É obvio que é necessário ,e isto o governo vem fazendo, através do Programa Nacional Biblioteca Na escola(PNBE), que uma política educacional de incentivo à leitura, com propósito de otimizar melhores condições de inserção dos alunos das escolas pública na cultura letrada. Mas a realidade pelo que podemos observar é que em muitas escolas os livros são guardados em porões e almoxarifados.

A literatura deve fazer parte do universo infantil, seja na biblioteca ou no cantinho da leitura, na escola ou em casa que seja local de encontro com a alegria e com o conhecimento.

Alimentar o imaginário da criança com belas histórias, modernas ou antigas, é função do professor, pois a escola é o lugar privilegiado para o encontro entre o leitor e o livro. É nas escolas que muitas crianças brasileiras terão seu encontro com os livros. Devido a altas taxas de analfabetismo e a falta de tempo dos pais, as inacessibilidades com os livros. Além dos meios de comunicação modernos e atraentes como TV, computadores, vídeo games podem impedir que crianças adentrem no mundo da leitura.

Daí a necessidade de (re)significar a prática para que se viabilizem as condições reais de produção de literatura infantil na escola e nas salas de aulas principalmente no início da vida escolar.

A literatura infantil na escola: desafios e perspectivas. É, portanto uma proposta de mudança na educação no sentido de pensar o trabalho do professor e do aluno de forma mais integradora, envolvendo os diversos saberes em um só: o escolar. De modo que este possa transpor as paredes escolares e se expandir no cotidiano de cada leitor.

O estágio desenvolvido na escola Adauto Ferreira de Andrade, oportunizou analisar as contribuições desse trabalho de pesquisa. Neste sentido, tivemos a condição de conhecer a realidade escolar, em seu sentido completo podendo assim, integrar os diferentes saberes na medida em que fomos realizando o trabalho planejado, enriquecendo assim como profissionais da educação.

Desafios e perspectivas fazem parte de todo e qualquer ambiente escolar, mas detectado as falhas que se constituem em desafios, poderemos, contudo ver o que possivelmente se vem pela frente. É adequado dizer que a literatura infantil, auxilia o trabalho docente enriquecendo o espaço complexo que é a sala de aula, também é certo afirmar que políticas públicas de incentivo a leitura também foram encetadas. Porém problema está na forma desconectada como se trabalha o livro infantil. Os livros são utilizados para estudar gramática, ou em datas comemorativas, na melhor das hipóteses para atender as exigências das secretarias de educação ou do próprio MEC, prevalecendo por umas semanas e logo sendo esquecidas.

Neste modo, podemos afirmar que o trabalho realizado nesta perspectiva torna-se modismo em muitos ambientes escolares.

Enfim, todo este trabalho de pesquisa e estágio foi muito bom para nosso crescimento profissional, além de nos induzir a uma profunda análise sobre o que é educação, sobre o que estamos fazendo, sobre o caminho que a educação do país está seguindo, e principalmente qual será o futuro desta geração. Pois é na realidade escolar que percebemos a marginalização dos processos educativos, o desinteresse mais principalmente

dos jovens sem perspectivas sem alguém, as vezes, sem auxílio dos próprios pais, de professores saturado com tantas tentativas e o que nos resta...pensar algo que mude essa realidade, buscando forças para não desanimar.

Encerro este capítulo com a citação de Debus(2006.p.125):

O sonho é necessário, o desejo é vital. Mesmo quando o que nos resta no outro dia é apenas o sonho da padaria em frente, uma realidade sem muitos atrativos, não podemos esmorecer, fraquejar, desistir, devemos, sim nos revestir de coragem renovada e sair para a vida dispostos a contar uma bela história.

Acredito no adágio popular que o futuro do país é as crianças, então, devemos lutar para que essas crianças encontrem cada vez mais tarde com algumas mazelas que nos rodeiam, e a maior delas, a desocupação das mentes.

**REFERÊNCIAS**

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. 5ª Ed. São Paulo: scipione, 1997.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais (1ª a 4ª séries)**. Brasília: MEC/SEF, 2001, 10 volumes.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o habito de leitura**. Editora Atica/ Unesco. São Paulo. 1995.

CAMPOS, Maria de Lourdes. Estagio e(Re) significação do pedagogo. In: OLINDA, Ercília Maria Braga e FERNANDES, Dorgival Gonçalves (Org). **Praticas e aprendizagens docentes**. Fortaleza: editora UFC, 2007

CARDEMORTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 7ªed. São Paulo. Editora Brasiliense, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria + analise + didática**. 7ª Ed. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

DEBUS, Elaine. **Festaria de brincaria: A leitura literária na educação infantil**. Paulus. São Paulo. 2006.

FILIPOUSKI, Ana M. Ribeiro. **Erico Veríssimo e a literatura infantil**. In: ZIBERMAN, Regina. 2ªed. Porto Alegre, Editora da universidade, UFRGS, 1982. P. 07-14.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da educação brasileira**. 2ªed. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

LAJOLO, Mariasa & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira. Histórias e histórias.** 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MACHADO, Ana Maria. **A literatura deve dar prazer.** In: revista Nova Escola. Editora Abril, setembro de 2001. p 14-20.

MATOS, Kelma Socorro Lopes. **Pesquisa educacional: O Prazer de conhecer.** 2ª Ed. rev. e atual. Fortaleza: Editora Demócrito Rocha, 2002.

YUNES, Eliane e PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil.** São Paulo:FTD, 1988.

# Anexos

## QUESTIONÁRIO/ ALUNO (A)

ESCOLA: -----

NOME: -----

IDADE: -----

ANO EM CURSO: -----

JÁ REPETIU DE ANO: -----

1. Você já leu algum livro de historinhas?  
 Sim  
 Não
  
2. Que tipo de historinhas você gosta de ler?  
 aventuras     fábulas  
 contos         poesias  
 lendas
  
3. Você gosta quando alguém ler historinhas para você?  
 sim             não
  
4. Você gosta quando a professora utiliza livros em sala de aula?  
 sim             não
  
5. Com que frequência a professora ler livros para a turma em sala de aula?  
 sempre         as vezes         nunca
  
6. Você tem livro de historinhas em casa?  
 sim             não
  
7. Seus pais leem historinhas para você?  
 sim             não
  
8. Que tipo de leituras são mais utilizadas por seus pais em casa?  
 revista         jornais  
 livros          textos religiosos

9. O que você mais gosta de fazer nas horas vagas?

( ) assiste TV ( ) trabalha em casa

( ) ler livrinho infantil

( )brinca na rua ( ) descansa

### QUESTIONÁRIO / PROFESSOR (A)

ESCOLA: -----

NOME: -----

FORMAÇÃO: -----

TEMPO QUE TRABALHA NA EDUCAÇÃO: -----

1. A escola desenvolve algum projeto de incentivo a leitura que envolva a literatura infantil?

-----  
-----

2. Você costuma utilizar obras de literatura infantil em sala de aula? por quê?

-----  
-----  
-----

3. Você tem alguma proposta pedagógica que oriente a sua pratica na utilização da literatura infantil na sua sala de aula?

-----  
-----  
-----  
-----

4. Você encontra alguma dificuldade para trabalhar a literatura infantil em sala de aula?

-----  
-----  
-----

5. Qual gêneros literário ( ou textual) é mais admirados por seus alunos?

( ) poesia ( ) contos ( ) historias em quadrinhos

( ) fábula ( ) lendas ( ) prosa

6. De que forma são realizadas as atividades que envolvem a literatura infantil em sala de aula?

-----  
-----  
-----

7. Qual sua opinião a respeito dos programas de incentivo a leitura, criado pelo MEC, a exemplo: A literatura em minha casa.

-----  
-----  
-----

8. A escola participa de algum programa de incentivo a leitura?

-----  
-----  
-----

9. Em sua concepção esses programas de incentivo a leitura esta rendendo bons resultados?

-----  
-----  
-----

10. Qual a receptividade dos alunos ao realizarem atividades que envolva a literatura infantil?

-----  
-----  
-----

11. Em sua concepção, qual a contribuição que a utilização da literatura infantil em sala de aula?

-----  
-----  
-----

12. Houve alguma mudança, com relação a leitura, após ter trabalhado com a literatura infantil em sala de aula? Quais?

-----  
-----  
-----